



**ANTONIO MENEGHETTI FACULDADE**  
**MBA BUSINESS INTUITION - O EMPREENDEDOR E A CULTURA**  
**HUMANISTA**

**ÍRIA de JESUS MARTINS**

**O HUMANISMO NA FORMAÇÃO DO**  
**HOMEM PESSOA EM FUNÇÃO SOCIAL**

**RECANTO MAESTRO**

**2011**



**ÍRIA de JESUS MARTINS**

**O HUMANISMO NA FORMAÇÃO DO  
HOMEM PESSOA EM FUNÇÃO SOCIAL**

Trabalho de Conclusão do Curso MBA Business Intuition  
– O Empreendedor e a Cultura Humanista, da Antonio  
Meneghetti Faculdade, apresentado como requisito parcial  
para obtenção do título de especialista.

Orientador: Alécio Vidor

**RECANTO MAESTRO**

**2011**



**ÍRIA de JESUS MARTINS**

**O HUMANISMO NA FORMAÇÃO DO  
HOMEM PESSOA EM FUNÇÃO SOCIAL**

Trabalho de Conclusão do Curso MBA Business Intuition – O Empreendedor e a Cultura Humanista, da Antonio Meneghetti Faculdade, apresentado como requisito parcial para obtenção do título de especialista.

**Banca examinadora:**

Orientador: \_\_\_\_\_

Doutor Alécio Vidor  
Antonio Meneghetti Faculdade

Membro: \_\_\_\_\_

Doutora Estela Giordani  
Universidade Federal de Santa Maria

Membro: \_\_\_\_\_

Doutor Eduardo Afonso  
Universidade de São Paulo

**RECANTO MAESTRO**

**2011**



## **DEDICATÓRIA**

*Dedico  
A chi getta il seme del vero...*



## AGRADECIMENTOS

Agradeço ao Princípio que me pôs e me quis e que, quando sou capaz de ver e fazer, me restitui a vida em saúde, alegria, realização.

Agradeço ao Professor Antonio Meneghetti que, há mais de duas décadas, viu o Brasil como uma terra onde o espírito humano vital poderia fazer brotar sementes de um novo humanismo para o homem do terceiro milênio.

À Antonio Meneghetti Faculdade, uma escola viva que me ofereceu a oportunidade de fazer o primeiro MBA internacional de formação humanista.

Ao meu orientador, Professor Alécio Vidor, que com viva cultura filosófica e humanista abriu horizontes e iluminou passagens de verdadeiro saber.

A cada um dos professores que, sempre com alegria e disponibilidade, me conduziram nesta estrada de conhecimento. Agradecimento muito especial aos professores que atravessaram o Atlântico para partilhar um saber singular, inspirativo, provocativo.

Aos colegas, com diferentes experiências e vivências, que deixam suas vírgulas de amor ao estudo, ao saber, ao companheirismo.

Ao Professor Longo, com seu inusitado presente: quase três mil páginas do Dicionário de Biografias de cientistas da humanidade.

Aos amigos que participaram de minha alegria, a cada vez que dizia “vou para o Recanto, para o MBA”.



“O homem em funcionalidade positiva, além da realização pessoal, consegue alcançar também afirmação histórica, seja para si, seja, se decide, em vantagem dos outros”.

Antonio Meneghetti



## RESUMO

MARTINS, Íria de Jesus. **O humanismo na formação do homem pessoa em função social.** 2011. 25 páginas. Trabalho de Conclusão do Curso MBA Business Intuition – O Empreendedor e a Cultura Humanista, apresentado como requisito parcial para obtenção do título de especialista da Faculdade Antonio Meneghetti. Curso de MBA em Business Intuition – O Empreendedor e a Cultura Humanista, Recanto Maestro, 2011.

O objetivo deste artigo é apresentar uma síntese das principais ideias e valores do humanismo clássico, perene e histórico, até a inquietude provocada pela crise das ciências e a proposta prática do humanismo ontopsicológico. Trata-se de um estudo de revisão teórica, fundamentada em autores clássicos e contemporâneos, com ênfase nas obras da escola Ontopsicológica. Consideram-se os valores humanistas, acrescidos do critério ético do humano; ambos essenciais para a formação de um homem pleno, completo, capaz de ser protagonista responsável da própria história. Só o homem que tenha recuperado a consciência sobre o que é pode ser garantia de funcionalidade no social. Com essa garantia, pode ampliar as suas possibilidades de ação e decidir estender também aos outros a sua positividade, através da construção de estruturas que lhe permitam alargar a própria esfera de influência social, econômica, política, cultural. Conclui-se que o critério ético do humanismo ontopsicológico é uma proposta a ser levada em consideração para que seja possível construir pessoas e sociedades na medida do homem autêntico.

**Palavras-chave:** Humanismo. Pessoa. Sociedade. Homem.



## ABSTRACT

MARTINS, Íria de Jesus. **O humanismo na formação do homem pessoa em função social.** 2011. 25 páginas. Trabalho de Conclusão do Curso MBA Business Intuition – O Empreendedor e a Cultura Humanista, apresentado como requisito parcial para obtenção do título de especialista da Faculdade Antonio Meneghetti. Curso de MBA em Business Intuition – O Empreendedor e a Cultura Humanista, Recanto Maestro, 2011.

This paper's target was to summarize the main ideas and values of classical humanism, perennial and historical, up to the anxiety caused by the crisis of science and the practical proposal of Ontopsychology humanism. Humanistic values, and their ethical criteria, are taken into account for the construction of a true person, capable of being the protagonist responsible for their own history. Only those who are conscious about themselves can be truly socially functional. With this guarantee, one may widen one's possibilities of action and decide to extend to others their positivity, by building structures that enable them to broaden their sphere of social, economic, political and cultural influence. The article concludes that the ethical criteria of Ontopsychology humanism should be taken into account for the creation of persons and societies by means of the authentic man.

**Keywords:** Humanism. Person. Society. Man.





## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO .....</b>	<b>9</b>
<b>2. PROLEGÔMENOS AO HUMANISMO DO TERCEIRO MILÊNIO .....</b>	<b>12</b>
<b>3. O HUMANISMO ONTOLÓGICO COMO GARANTIA DO HUMANO .....</b>	<b>19</b>
<b>4. CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>24</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>25</b>

## 1. INTRODUÇÃO

Por que falar de humanismo neste terceiro milênio? Porque o homem é, ainda, um ser vital do universo. Porque do resgate de valores humanistas depende a construção de uma sociedade em que o humano seja garantia – e não lobo – do humano.

Na Idade Média o teocentrismo e o dogma religioso predominaram, e o humanismo foi o contraponto antropocêntrico, com o homem sendo o elemento central do universo e do conhecimento, construtor pleno, íntegro, completo de sua própria história. Hoje, quando prevalece uma cultura de massa, globalizada, digital, mantida pelo absolutismo da mídia, pela necessidade de consumo, da técnica pela técnica, é necessário resgatar um saber que permeie toda a história humana e que busque extrair o *homo civis* presente em potencial no ser humano.

Nesta sociedade internetiana, em que Facebook, Google, Wikipédia, Second Life, Twitter são as referências de verdade, é preciso relembrar que há, sim, uma resposta para a pergunta que se faz há milênios: o que é o Homem?

Ser “humano” é uma especificidade da natureza, feito de e para o planeta Terra, ou seja, o projeto homem está baseado em um desenho de natureza específico para o humano, aqui e agora. Humanismo é forma de valor ôntico, portanto um valor metafísico, com capacidade histórica para a identidade de natureza, de pessoa, de sociedade. O homem, como previsto pelo projeto de natureza que o fez e o mantém, é fenomenologia do espírito em construção, em autoctise<sup>1</sup> histórica. Trata-se de resgatar no humanismo clássico e perene (aquele pensamento que esteve presente de alguma maneira em todo o percurso do conhecimento humano) e no humanismo histórico (que tem seu berço na Itália, mas que se expandiu para o resto da Europa) valores e critérios éticos que possam contribuir no processo de consciência do indivíduo, não só em vantagem de si mesmo, mas também da sociedade, do ecossistema em que atua.

Nesta civilização do ter pelo ter, da informação que espelha sem conformidade funcional, sem reversibilidade com o real, tal qual as sombras da alegoria platônica da caverna, a tarefa é redescobrir valores superiores, que dão ao homem a possibilidade racional

---

<sup>1</sup> Conforme Meneghetti, A. in **Dicionário de Ontopsicologia**, 2001, autoctise é o processo de escolhas existenciais que fazem a resultante da evolução e da situação pessoal. O termo é utilizado em dois modos: o fato em si, o autopor-se; o processo de fazer-se – autoconstrução – ou seja, a autoctise histórica como processo psicológico.

de discriminar, controlar e dar crescimento evolutivo à própria existência, segundo a sua intrínseca especificidade.

A estrada mestra é resgatar um conhecimento que serve à evolução da inteligência humanista, base para constituir o orgulho de ser protagonista responsável da própria existência; é ser ator, intérprete principal, capaz de ponderar sobre a coisa – *res* – que se apresenta e decidir em função de manter e expandir a própria vida biológica, psicológica, econômica, social. Quando o homem vence é bom para todos, pois tudo o que diz respeito ao humano diz respeito a cada homem em particular.

O humanismo, neste artigo, é tratado em três acepções: Humanismo clássico e perene, Humanismo histórico, Humanismo ontopsicológico. Para isso fizemos uma incursão por autores, desde alguns pré-socráticos até a proposta interdisciplinar, elementar do pensamento humanista ontopsicológico, que consente o critério de exatidão, com método e técnica para certificar a funcionalidade das ações humanas como garantia da humanidade presente no humano.

O humanismo clássico, com grandes nomes gregos e latinos, tem sua certidão de nascimento com Terêncio, e sua máxima é “sou homem e nada do que é humano me é estranho” (MENEGETTI, 2010a)

O Humanismo renascentista é o período em que houve um retorno às fontes clássicas da cultura literária, linguística, filosófica, científica, especialmente grega e romana, como instrumento de formação do espírito humano: *Paideia*, no sentido grego, ou *humanitas* para os autores latinos. Nesse sentido, o humanismo é um movimento eminentemente italiano que, depois, se estende por toda a Europa.

O Humanismo perene tem sentido mais amplo. Existe desde sempre, já que trata da condição de ser o homem um microcosmo, parte do grande mundo, capaz de conhecer o todo, pois a perfeição da totalidade do universo resplandece de modo particular na pequena parte que se chama homem. Nessa visão, o sujeito homem ocupa um lugar central, como razão e não como fé, como protagonista, capaz de saber e fazer as coisas em concordância com o mundo-da-vida. Esse valor humanista foi mencionado por Cícero, um estoico, em sua célebre frase de que para a humanidade (o conjunto de seres humanos), a humanidade (a natureza humana, a identidade humana, aquilo que faz com que um ser seja humano) é sagrada. Nessa acepção, ao longo da história humana tivemos referências ao valor supremo do homem como prometeico, como artífice da própria história e do próprio destino.

Podemos mencionar Parmênides e sua intuição de que conhecer e ser são a mesma coisa; Sócrates, com seu método (ironia e maiêutica) que levava a superar as opiniões e preconceitos, até o “conhece-te a ti mesmo”; Ptolomeu I e a criação de um centro de cultura e pesquisa que transformou Alexandria em epicentro internacional da erudição com sua inigualável biblioteca, por onde passaram grandes médicos, gramáticos, poetas, geômetras, geógrafos, filósofos; ou, mais de dois mil anos depois, Edmund Husserl e sua constatação de que havia uma crise nas ciências e que, para construir uma ciência rigorosa, mas ancorada na realidade humana vivente, era preciso fundar o processo do conhecimento na consciência, em um eu ideal, portanto era preciso uma psicologia capaz de fornecer ao sujeito o acesso ao mundo-da-vida; ou, contemporaneamente, Antonio Meneghetti e a identificação, formalização e aplicação do princípio que dá identidade ao humano e que é o critério para discernir o que é a favor ou contra a essência do humanismo (MENEGHETTI, 2010b, pág.145). Em qualquer desses e dos demais autores que vamos referir, é perene a paixão por esta obra-prima da natureza chamada homem. É o homem para o homem. O homem a favor do homem. Portanto, o humanismo nos dá uma visão otimista do homem construtor do próprio destino, distante do homem derrotado, deprimido, desconhecido, conforme definido por Alexis Carrel em sua obra *O Homem, esse desconhecido* (1940).

O objetivo de resgatar a cultura humanista é dar real fundamento à formação das pessoas, ao progresso individual e social, uma vez que essa cultura propõe valores práticos de ação histórica, tais como: agir, fazer, colaborar na construção do mundo; relacionar-se com o outro, pois quanto maior a obra, maior será a necessidade de parceiros e colaboradores; ter autonomia, liberdade jurídica, econômica, social, afetiva; manter profunda dignidade em relação a si e aos outros.

O artigo está estruturado em duas seções, seguidas das considerações finais. Inicialmente, apresenta-se o ponto de vista de autores que, ao longo dos séculos, trataram em suas obras de valores que caracterizam o humanismo. Na sequência, discorre-se sobre humanismo segundo o critério ético dado pela natureza, definido e caracterizado pelo humanismo ontopsicológico. Nas considerações finais, retoma-se o objetivo do trabalho e se propõe ao homem que queira ser função de crescimento, a si mesmo e ao social, a necessidade de recuperar o saber humanista e fazer metanoia, segundo o critério de natureza que lhe é intrínseco.

## 2. PROLEGÔMENOS AO HUMANISMO DO TERCEIRO MILÊNIO

Para os autores consultados para a elaboração desta síntese, que cobre um percurso de milênios da história humana, a pergunta máxima sempre foi: o que é o humano? A busca de resposta a tal pergunta, com rigor de estudo e de argumentação, indagou as diversas peculiaridades humanas, como a filosofia, a alma, a verdade, a natureza, a moralidade, a religião, a ética, as artes, a ciência, o direito, as relações em sociedade.

Escolhemos alguns autores, e a escolha não foi ao acaso. A trilha apresentada dá-se em função de sintetizar grandes intuições que adquirem sentido com o humanismo ontopsicológico que identificou, isolou e tem o método de aplicação do critério<sup>2</sup> ético do humano para o exercício do ora e trabalha de São Bento; do paz e bem, de São Francisco; da verdade e saber como primado, de São Domingos (MENEGETTI, 2010b).

Trata-se de oferecer ao leitor um panorama daqueles pensadores que forneceram uma passagem para compreender quem é o homem, quais valores humanos devem ser preservados e qual é a ética adequada ao homem que quer, com dignidade, construir-se em plenitude e agir socialmente com máxima eficiência, aqui e agora. É uma contribuição para ampliar a consciência sobre os alicerces que tantos grandes nomes da história universal construíram antes e continuam a construir, tecendo os elementos que constituem a dignidade, a liberdade, a realização do ser humano.

Começamos com a dimensão humana presente na tragédia grega (FERRY, 2009). Ésquilo, em sua famosa peça *Prometeu Acorrentado*, nos presenteia com um dos símbolos mais marcantes da condição humana. Todo espetáculo trágico é o espetáculo de um conflito de angústias, esperança, sabedorias. Prometeu é um deus cheio de bondade para com os homens. Muito popular na Ática é, com Hefesto, o padroeiro dos pequenos artífices que faziam a riqueza de Atenas. Ele não só deu aos homens o fogo, como inventou para eles os ofícios e as artes. Roubando o fogo, privilégio dos deuses, Prometeu torna-se o gênio criador da civilização nascente, confunde-se com o próprio gênio do homem ao inventar as ciências e as artes, ao ampliar seu domínio sobre o mundo. Concede aos homens a capacidade de ação e as conquistas da civilização primitiva: as casas, a domesticação dos animais, o trabalho com

---

<sup>2</sup> A Ontopsicologia descobriu os critérios e os comportamentos da alma humana, individuou as exigências desta essência espiritual encarnada. A alma é um princípio vital, sem o qual não podemos viver; princípio que a Ontopsicologia definiu Em Si Ôntico, cf. Meneghetti, A. in **Dicionário de Ontopsicologia**, pág. 57.

metais, a astronomia, as matemáticas, a escrita, a medicina. Prometeu revelou ao homem o seu próprio gênio.

O que a mitologia põe em evidência, com profundidade, são as características do homem da técnica, capaz de criar, inventar de maneira criativa a própria vida, o próprio mundo.

O orgulho de Prometeu por ter retirado o homem da ignorância e o levado ao conhecimento das leis do mundo e à razão é partilhado por Ésquilo, que se sente orgulhoso por ser homem e, usando o poder da poesia, comunica tal sentimento. Ésquilo sentiu o mundo não como um jogo de forças anárquicas, mas como uma ordem que compete ao homem compreender e regular.

A poesia de Ésquilo exprime o amor do povo de Atenas pela justiça, o seu respeito pelo direito, a sua fé no progresso. O homem como garantia de valores superiores. O mesmo homem que vamos encontrar no *Discurso sobre a Dignidade do Homem*, de Pico della Mirandola (2008), no início do humanismo histórico.

Já em *Antígona*, uma das peças mais importantes de Sófocles, o dramaturgo mostra que, verdadeiramente, outra coisa, que não o caráter, conta na luta e define os seres: a qualidade da alma. Antígona, a desventurada jovem que sofreu o inimaginável por ser a filha princesa do incesto entre Édipo e Jocasta, de feia aparência e no cerne do drama que a condena ao cruel suplício de ser emparedada viva numa caverna, manifesta no Coro 332 sua visão humana, dizendo que “entre as muitas maravilhas do mundo, nenhuma delas é tão maravilhosa quanto o homem” (FERRY, 2009).

O interesse filosófico do pensamento grego pré-socrático é voltado para o mundo da natureza, para o mundo exterior, buscando um princípio unitário de todas as coisas. Era uma filosofia voltada para a *physis*, para o logos, para o ser, para o devir, que no cerne continha a dimensão específica do espírito humano: pela observação, buscar o conhecimento. Pelo exercício intelectual, conhecer o mundo, o homem.

Heráclito coloca em evidência a razão humana – o logos – e o dinamismo universal da realidade – o devir, o *panta rei*. Critica tanto a mentalidade dos homens comuns, que se fixam em suas opiniões particulares, quanto a dos experts que não conhecem o logos, a palavra que dá expressão à *nous*, ao intelecto, anunciando a verdade. Para Heráclito, o homem pode conhecer o mundo (e a si) através da palavra que tenha capacidade de manifestar o intelecto. Para isso, era preciso uma linguagem específica; a consciência tinha que se tornar reflexo do intelecto. Era preciso, portanto, purificar a consciência.

Parmênides diz que o conhecimento é verdadeiro somente se for o conhecimento do que é. Só o pensamento é capaz de colher a realidade como ela é, pois os sentidos apreendem apenas os fenômenos, as opiniões, a *doxa*. Para Parmênides, o ser, a consciência e a linguagem devem coincidir: esse é o verdadeiro conhecimento. A partir, sempre, do sujeito do conhecimento. Do homem. Para Parmênides, o importante é a identidade.

É interessante observar que entre Heráclito (tudo muda) e Parmênides (tudo é e não pode não ser) não há contradição. Ao contrário, ambos fornecem uma reflexão completa sobre o homem: o homem é uma identidade, um princípio único, imutável; que muda historicamente. É uma fenomenologia do espírito, que faz história. Ou seja, tudo muda, com base em uma identidade imutável. De fato, podemos fazer tantas coisas (negócios, medicina, filosofia, arte, educação, arquitetura, moda, etc.), mas não podemos nos tornar outra coisa senão homens, humanos.

Os sofistas eram em geral homens de letras, mestres, poetas. Para um importante sofista, Protágoras, o tema da verdade está no centro de suas reflexões. Ele tem uma concepção relativista da verdade e considera que o homem, individual, é a medida, o critério para diferenciar o verdadeiro do falso. Ou seja, Protágoras coloca o homem como ponto de referência, como “a medida de todas as coisas, das coisas que são porque são e daquelas que não são porque não são” (ANTISERI, 1990).

Então, se reunirmos Parmênides (identidade), Heráclito (existência, história) e Protágoras (reversibilidade), teremos o homem total, íntegro, coincidente com o que é.

A humanidade em Sócrates tem aspectos singulares. Ele usa a palavra como instrumento para alcançar o conhece-te a ti mesmo. No diálogo, Sócrates usa a ironia para desmontar as convicções, as certezas absolutas do interlocutor. Depois, com a maiêutica, que significa literalmente a arte de parir, busca extrair a verdade de dentro do sujeito. O que realmente importava não eram as respostas, mas era, através de perguntas, ajudar o outro a encontrar a própria identidade; era levar o outro a conhecer a si mesmo, a partir de dentro, sem superficialidade. Para Sócrates o valor supremo é o conhecimento, e o pior vício humano é a ignorância. O saber de não saber (sei que nada sei) socrático significa que a verdade não é dada pela memória, mas pela novidade daquilo que a mente interior ilumina: a evidência. Evidência, segundo Meneghetti, implica uma exata coincidência entre o objeto aberto e o íntimo de quem vê. (MENEGETTI, A. 2001, pág.73)

Platão era um homem preparado em música e poesia. Enquanto Sócrates ensinava na rua, Platão fundou a Academia, lugar de encontros intelectuais e de ensino altamente

qualificado em matemática, astronomia, medicina, retórica, dialética. Platão era um professor inflexível na formação dos alunos, o que garantiu que a Academia irradiasse seu pensamento por quase mil anos. Entre os gregos, a educação era a única forma possível de compreender o humano. O processo de formação do homem, que eles chamavam de Paideia, constitui a razão de ser de toda a cultura grega. Platão usa seus Diálogos para narrar, através de mitos, grandes temas da cultura e do pensamento humanista perene. Neles, fala da origem do homem, da alma e de sua imortalidade, da verdade, da questão de gênero, do amor (Eros). Ou seja, Platão propõe reflexões ainda hoje vivas na investigação da verdade e da natureza humana. O mito da caverna é emblemático dessa atualidade, pois dá a dimensão humana interna: o homem é prisioneiro de imagens que não coincidem com o real. A condição humana é limitada, reduzida a uma prisão, o mundo real fica às suas costas, e ele pensa, decide e investe toda a sua vida segundo as sombras que apenas se assemelham à realidade.

Aristóteles é o último grande nome grego que abre um universo de sentido sobre a condição humana, delineando o máximo de conhecimento possível sobre o homem, até o humanismo ontopsicológico, no século XX. Aristóteles é o primeiro que compreende que cada homem é uma unidade de forma e matéria. Ou seja, uma unidade hilemórfica: não existe corpo sem alma, nem alma sem corpo. A alma é invisível, imortal, mas produz fenômenos, produz fatos concretos, mensuráveis. Aristóteles inova: em vez de analisar objetos, situações, analisa o sujeito analisador, analisa a mente do homem. Vai em busca de resposta para a pergunta: como funciona a mente? Descobre que o processo racional que a mente utiliza é o dedutivo-indutivo (ABBAGNANO, 1993).

Uma passagem de humanismo perene em Aristóteles se mostra quando ele diz que o bem supremo, o fim que todo homem almeja, é a felicidade. Mas ela não se encontra no prazer pelo prazer. Na realidade, a felicidade pressupõe que o homem seja virtuoso, e a virtude é de duas espécies: a intelectual, alcançada pela educação e cultura, com tempo e experiência; e a ética, construída com o exercício continuado da mudança de hábitos (ARISTÓTELES, 1985).

O estoicismo é a tradição filosófica greco-romana que nos apresenta uma das fontes mais ricas do pensamento humanista. Como pressuposto básico da ação humana, o estoicismo apresenta a eudaimonia, que consiste no exercício constante da virtude, do bem viver conforme a natureza, que era o imperativo ético por excelência dos estoicos. Eles entendiam que a lei natural era a fonte da lei humana (NOGARE, 1985).

Conforme o estóico Cícero, citado nos trabalhos de Nicola:



O homem concilia-se, antes de tudo, com as coisas conforme a sua natureza; e, dado o princípio de acolher aquilo que é conforme a natureza e evitar aquilo que lhe é contrário, surge o primeiro dever de conservar-se na constituição natural e ater-se a tudo aquilo que a ela diz respeito, rejeitando o que lhe é adverso. Uma vez encontrado esse procedimento de escolha e recusa, surge logo a seguir o hábito obrigatório de escolher a cada momento atendo-se, de modo constante e até o fim, à natureza; e aqui começa a se encontrar e a sentir a ideia daquilo que pode ser chamado sumo bem (NICOLA, 2005).

Ainda segundo Nicole, “O sumo bem consiste em viver conforme a natureza; que é o mesmo que viver virtuosamente, pois a natureza dirige-se para a virtude”.

Aristóteles fica esquecido por mais de mil anos. São Tomás de Aquino resgata o conceito aristotélico de *nous*, mente, base da inteligência, intelecto. Desde Aristóteles, passam mais de dois mil anos para que a racionalidade humana tivesse outra novidade. O cientista Meneghetti descobre o constituinte formal que fenomeniza o modo de ser do humano, especifica e descreve suas fenomenologias, possibilita sua aplicação responsável e racional em todos os detalhes do cotidiano, fornecendo ao ser humano o critério para realizar com plenitude aquilo que é: o humanismo aplicado de modo interdisciplinar. (MENEGHETTI, 2010c).

Nesse ínterim de séculos, temos o humanismo latino. A sede de pesquisa aumenta. Os escritos antigos eram chamados em seu conjunto *humanae litterae*. Surgem bibliotecas. Novas cátedras. Florença, Milão, Roma, Veneza, Nápoles tornam-se polos do humanismo histórico, um fenômeno eminentemente italiano.

Esse período de efervescência nos legou alguns feitos particulares e nomes como Francisco Petrarca, o primeiro dos grandes humanistas; Coluccio Salutati, Bruno Leonardo, Poggio Bracciolini, Giannozzo Manetti, Lourenço Valla, Marsilio Ficino, Pico della Mirandola.

Francisco Petrarca<sup>3</sup>, considerado o fundador do humanismo renascentista italiano, foi um homem de alta formação intelectual. Conhecedor das letras e das leis, foi fortemente influenciado por Sêneca de quem repercute a frase: “Escolhe algum homem de caráter elevado e mantenha-o sempre diante de teus olhos, vivendo como se ele estivesse te olhando e ordenando todas as suas ações, como se ele as contemplasse”. Esse homem deveria ser alguém cujo discurso, maneiras, integridade, fossem fontes de inspiração, realização, prazer.

Segundo Antiseri (1990), para Petrarca era importante “nos voltarmos para nós mesmos, objetivando o conhecimento de nossa própria alma” e “ao invés de nos perdermos

---

<sup>3</sup> 1304-1374

nos vazios exercícios dialéticos, precisamos redescobrir a eloquência, as *humanae litterae* ciceronianas”.

O humanismo de Petrarca se delinea na concepção de que a verdadeira sabedoria consiste em conhecer-se a si mesmo e o caminho para atingir tal sabedoria está no exercício das artes liberais, cultivadas como instrumento de formação espiritual (ANTISERI, 1990).

Coluccio Salutati<sup>4</sup> foi importante por reafirmar a tese da supremacia da ação centrada no ato da vontade como exercício da liberdade. O primado da vida ativa sobre a contemplativa: uma das marcas do humanismo. Conforme Antiseri (1990), Salutati dizia que o homem devia estar sempre imerso na ação e que toda ação devia servir a si, à família, aos parentes, aos amigos e à pátria; que o homem devia vier de modo a servir à sociedade humana pelo exemplo e pelas obras.

Bruno Leonardo<sup>5</sup> foi importante tradutor das obras de Platão e Aristóteles e com isso forneceu linfa vital para um humanismo empenhado política e civilmente: o homem só se realiza plena e verdadeiramente quando atua na dimensão social e política. Segundo Leonardo, “se um homem não é bom (=virtuoso), não pode ser prudente (=sábio)” (ANTISERI, 1990).

Outro humanista que dá base de referência para nossas ideias é Poggio Bracciolini, que lega para a história um dos pensamentos básicos do humanismo: a verdadeira nobreza é aquela que cada um conquista agindo; ou seja, confirma o conceito basilar de que cada qual é artífice da própria fortuna.

Gianozzo Manetti<sup>6</sup>, além de importante tradutor de Aristóteles, abriu a grande discussão sobre a dignidade do homem e sua superioridade em relação às demais criaturas da natureza.

Lourenço Valla<sup>7</sup> via a língua latina como *sacramentum*. Para ele, a língua representa a encarnação do espírito no homem e a palavra, o verbo, seria a encarnação da sua inteligência. Daí, o sacro e a necessidade de respeitar a palavra e resgatar o verdadeiro espírito que ela expressa. Seu trabalho como filólogo garantiu à humanidade uma de suas conquistas mais elevadas: polir os textos das deformações que haviam sofrido em nome de interesses religiosos e econômicos, restituindo-lhes a genuína função de expressar o real, a verdade.

---

<sup>4</sup> 1331-

<sup>5</sup> 1374-1444

<sup>6</sup> 1396-1459

<sup>7</sup> 1407-1457

Marsílio Ficino<sup>8</sup> foi a mente intelectual responsável pela recuperação maciça de toda a tradição platônica. Conforme Antiseri (1990), para ele a filosofia nasce como iluminação da mente: é o ato de dispor da alma, de modo a que se torne intelecto e acolha a luz da revelação: alma, intelecto, vontade. A alma é que se insere entre as coisas mortais, sem ser mortal; ela é, simultaneamente, todas as coisas. É senhora do corpo, pois o sustenta, pertencendo ao divino. O milagre máximo da natureza para Ficino é que o homem é fundamentalmente a alma; o corpo é sua obra e instrumento e os bens do corpo são a força, a saúde, a beleza.

Pico della Mirandola<sup>9</sup> é o teórico mais conhecido quando se fala da dignidade do homem: seu *Discurso sobre a Dignidade do Homem* se constitui na certidão de nascimento do humanismo histórico. Segundo Nogare (1985), para Pico della Mirandola, todas as criaturas são ontologicamente direcionadas a serem o que são – e não outra coisa – em vista da semente virtual que lhes é dada. A natureza do homem é constituída de tal maneira que ele, pelo exercício do livre arbítrio, possa se plasmar segundo uma essência apriorica. A grandeza e o milagre do homem estão exatamente no fato de ele ser autoconstrutor, artífice de si mesmo. No homem existe o germe da vida plena: conforme o que cultiva, o homem colhe.

Portanto, segundo Pico della Mirandola, a característica da dignidade do homem está em ser a única criatura que é livre para esculpir a sua história (NOGARE, 1985). Ele é um projeto que projeta a si mesmo na história.

Pico della Mirandola menciona que Abdala Sarraceno não via no cenário maravilhoso do mundo nada de mais admirável do que o homem, concordando assim com Hermes Trimegisto, figura mitológica, que teria dito ser o homem o grande milagre da criação.

Temos, portanto, grandes pensamentos ao longo da história humana que vêm no homem a medida de todas as coisas, o grande demiurgo. Contudo, faltou a todos a passagem lógica, pois não foi dado por tais pensadores o critério epistêmico, capaz de ser aplicado na construção de um humanismo que garanta ao homem ser artífice de civilidade, ação, responsabilidade e reciprocidade; que garanta ao homem ser instrumento funcional de manutenção e evolução do humano. Tal critério é oferecido pelo humanismo ontológico.

---

<sup>8</sup> 1433-1499

<sup>9</sup> 1463-1494

### 3. O HUMANISMO ONTOLÓGICO COMO GARANTIA DO HUMANO

Quando observamos as estatísticas ou as manchetes dos jornais, nos deparamos com uma fotografia que revela o progresso avançado da tecnologia e a falência da dimensão humana. Temos cada vez mais máquinas perfeitas e, na mesma proporção, homens inseguros.

Crenças, morais, certezas estão fragilizadas, uma vez que incapazes de assegurar ao ser humano uma base de segurança e solução. Apesar disso, todos os pensadores, mestres de cada tempo e cultura, sempre sublinharam a importância do pequeno e aparentemente contraditório homem e a possibilidade de ele prover a si mesmo, para além de esperanças infantis.

A análise crítica feita por Husserl em 1936, em seu texto *A crise das ciências europeias*, continua atualíssima: as ciências caminham de um lado, o ser humano de outro. A tecnologia avança, mas a ciência do e para o homem permanece falida, um amontoado de opiniões que muda, conforme o grupo – econômico ou numérico – que predomina e determina a verdade do momento.

Husserl compreendeu que a segurança científica estava construída fora da realidade. Ele sustentou que existia outra estrada, onde seria possível dar o critério operativo de realidade ao existir e ao fazer do homem (MENEGHETTI, 2010a). E o que é o real? O real é onde o homem é, onde o homem se move, onde o homem caminha.

Hoje, a ciência ontopsicológica<sup>10</sup> pode oferecer ao homem do terceiro milênio o critério<sup>11</sup> para construção de um novo humanismo. Trata-se de um critério que é idêntico tanto na matéria, no soma, no universo, quanto no interior das estratégias da atividade psíquica do ser humano. É sempre a mesma regra que funciona de modo circular e holístico, onde quer que se organize a inteligência humana. Essa regra, esse critério foi identificado, isolado, verificado e aplicado com resultados de máxima eficiência criativa nas ações do indivíduo, para si e no social. Eficiência criativa significa ser capaz de, no interior de um contexto

---

<sup>10</sup> Ontopsicologia é ciência epistêmica enquanto começa a evidenciar um princípio elementar que se faz critério de realidade funcional para a lógica humana. É, de fato, um método para autenticar e desenvolver o homem criativo. Com o conhecimento da ciência ontopsicológica, um indivíduo, primeiramente, está em condições de compreender a estrutura total do próprio inconsciente; em segundo lugar, pode conhecer os impulsos, as dinâmicas e os determinismos que, inconscientemente, opera nas e com as pessoas que estão em seu ambiente; por fim, pode saber as interferências que outras pessoas fazem na sua vida. Isso é possível porque toda teoria e prática da Ontopsicologia se fundam em três descobertas exclusivas: o Em Si Ôntico, Campo Semântico e Monitor de deflexão. Cf. **Dicionário de Ontopsicologia**, pág 121-22.

<sup>11</sup> Critério é a norma, a regra, para discernir o verdadeiro do falso. O critério convencional é aquele usado em todas as ciências chamadas exatas. O critério de natureza é uma medida que procede por evidência, responde a uma intenção da natureza, e concretiza o objeto ou o campo pré-escolhido. É a intencionalidade de natureza quando e como se evidencia. Cf. Meneghetti, A. in **Manual de Ontopsicologia**, pág. 147.

problemático, enxergar um horizonte, resolver, ampliar e aumentar a própria identidade. Ou seja, não apenas resolver, mas ao resolver manter e expandir a identidade em vantagem própria, do meio ambiente e da sociedade. Não apenas resolver, mas ser colaborador capaz para o progresso em campo econômico, pedagógico, artístico, estético, jurídico, político, médico, etc.

Diante da crise denunciada por Husserl, de que a ciência baseada na doxa<sup>12</sup> e não na episteme<sup>13</sup> não garantia ao homem acesso ao verdadeiro ser que ele é, nem tampouco garantia uma razão absoluta que desse sentido racional à existência humana individual e humana em geral (HUSSERL, 2002), Antonio Meneghetti<sup>14</sup> – um homem com vasta experiência cristã, teológica, filosófica, acadêmica, existencial – decide mergulhar na prática clínica, em busca de resposta para a pergunta que tantos haviam perseguido: quem é o homem? Ele tem solução ou é verdade que prevalece a doença? Quanto vale? Por que existe? Meneghetti parte do ponto de chegada de todos aqueles grandes pensadores, cujo pensamento e produção oferecemos anteriormente uma fagulha para, depois de dez anos de prática clínica, resolvendo males tidos como insuperáveis, confirmar que bem e mal não existem em si, são conceitos abstratos que adquirem concretude na individuação; são critérios de relação. Para o ser humano, o bem é tudo o que dá funcionalidade e expansão à própria identidade, àquilo que ele de fato é; o mal é tudo o que diminui sua identidade. O homem existe e pode ser protagonista responsável de seu destino. Conforme Pico della Mirandola, o homem, espetáculo mais maravilhoso do mundo, pode decidir degenerar-se até os seres que são as bestas, ou poderá regenerar-se até as realidades superiores que são as divinas, por decisão do próprio ânimo (MIRANDOLA, 2008). Pode conhecer a si mesmo. Pode ser medida de todas as coisas. Mas qual homem? E com qual critério? (MENEGHETTI, 2010)

O homem, para Meneghetti, é um ente inteligente, que faz história no mundo, segundo um projeto de natureza (MENEGHETTI, A. 2010b, pág. 20); esse projeto define um *desing*, uma forma inteligente, espiritual, capaz de infinitas fenomenologias nos diferentes ambientes históricos. Portanto, o homem é um projeto metafísico, capaz de encarnação no aqui e agora.

---

<sup>12</sup> Opinião.

<sup>13</sup> Semente do conhecimento. Critério primeiro para lógica ou racionalidade estabelecida. A causa que faz o saber, cf. Meneghetti, A. in **Dicionário de Ontopsicologia**, pág. 63.

<sup>14</sup> Acadêmico Prof. Antonio Meneghetti, nascido em 1936, Doutorado clássico em Teologia, Filosofia e Ciências Sociais, láurea em Filosofia, Gran Doctor Nauk em Ciências Psicológicas, fundador da Ontopsicologia e Presidente da Associação Internacional de Ontopsicologia. Autor de mais de uma centena de títulos, seu pensamento é conhecido e ensinado nos cursos de especialização da Universidade Estatal de São Petersburgo, Rússia, e na Antonio Meneghetti Faculdade, no Recanto Maestro, Brasil. Defende a ética humanista segundo os correlatos metodológicos da Ontopsicologia, especialmente se operados por homens sadios, que atuam a própria liderança por meio de um atento serviço às progressivas exigências do humano e da sociedade. Cf. **Manual de Ontopsicologia**, pág.15-16.

No devir histórico, o homem faz uso do livre arbítrio e, portanto, pode fazer evolução ou destruição de si e do meio. Ou seja, como acenado por Pico della Mirandola (2008.), o livre arbítrio permite ao ser humano se constituir segundo uma dupla possibilidade: caminhar para o nada, para a bestialidade, ou para a autoconstrução contínua, até vivenciar a plenitude do projeto que é. E que projeto é esse?

O projeto inserido no humano é um princípio que dá a identidade de existir e como existir a cada único e irrepetível indivíduo. A partir do momento em que o ser humano é colocado em existência, tem implícita uma ordem apriorica e categórica. Se o ser humano se regula historicamente segundo essa ordem, está bem, tem saúde, se realiza, tem satisfação e colhe resultados de máxima eficiência. Se não se adequa a esse critério, está mal, sofre, adocece. Portanto, a regra da realização, da saúde, da felicidade, do prazer, é cuidar de fazer com perfeição cada momento, segundo essa regra de natureza, que a escola ontopsicológica define Em Si Ôntico (MENEGETTI, A. 2010b, pág.145)

A simplicidade do humanismo ontopsicológico consiste em demonstrar que cada ser humano já tem inserido em seu âmago o próprio critério de saúde e criatividade; de ação individual e social; de tomada de decisão enquanto pessoa, espécie, sociedade. Esse critério, dado por natureza, é químico, físico, biológico; mas também inteligente, espiritual, metafísico, uma vez que pertence ao horizonte eterno da vida.

O humanismo proposto por Antonio Meneghetti recoloca o homem como artífice do próprio destino: cada dia, cada momento, o homem se gera e regenera, podendo crescer ou regredir. Cada escolha determina o momento seguinte. Se atua a vontade com responsabilidade, conforme ao próprio critério de natureza, o homem vive em paz e feliz; se age distante desta racionalidade total de seu existir individual e social, irá experimentar o mal (MENEGETTI, A. 2010a)

Mas se o ser humano, como previsto pela natureza, tem em si essa racionalidade, qual o motivo de, na existência, ele de fato mais parecer um caótico desconhecido a si mesmo?

Ocorre que, sempre segundo as descobertas experimentais da ciência ontopsicológica, o problema do homem não é a vida ou os outros, mas o modo como conhece a si mesmo, e tal modo é fornecido pelo espelho da consciência. O real problema, portanto, é que a consciência do ser humano não reflete o real que ele é e contata. O intelecto continua exato, mas há uma total inexatidão da consciência.

Portanto, uma nova Paideia só é possível se houver a recuperação da consciência humana, para que seja capaz de reversibilidade entre existência e ser, entre imagem e real. É

preciso recuperar a conexão entre a realidade e a consciência; tornar possível a conformidade do eu humano ao próprio projeto de natureza: apriórico, categórico, infalível.

E qual a proposta de Meneghetti para recuperar a integridade de consciência? Para compreender como é o mundo-da-vida, como somos feitos, como fomos projetados pelo ser, como devemos nos contruir momento a momento segundo tal projeto, é indispensável fazer metanoia. Para ter a consciência exata, que reflita não os modelos condicionados pelas ideologias, crenças intocáveis, convicções absolutas, monoculturas que assassina qualquer novo, o ser humano precisa alargar sua plasticidade mental (MENEGHETTI, 2010c).

O processo de fazer metanoia consiste exatamente em mudar nossa medíocre forma mental, baseada mais em estereótipos do que em valores úteis e funcionais, para sermos e vermos conforme o que somos, e não ao modo como fomos ensinados, condicionados – do qual nos apropriamos como nosso genuíno modo de ser.

O caminho inicial para o ser humano atuar a mudança de sua consciência, tornando-a reversível com o real, consiste em: recuperar o contato integral com o próprio corpo, compreender o que ele quer, o que sinaliza quando sofre, pois o biológico é o primeiro caminho para o retorno ao recôndito do ser que verdadeiramente somos; recuperar a compreensão do cérebro gastroenterológico, um radar exato, que permanece inconsciente; reorganizar o contato do eu com as percepções extero e proprioceptivas; recuperar o grande saber presente na linguagem fornecida pelo mundo dos sonhos.

E qual é o escopo de tudo isto?

Reativar a consciência exata da pessoa e ativar a funcionalidade do homem-pessoa em função do social. O homem, cuja consciência seja reflexo de sua essência, pode agir historicamente, colaborando para o desenvolvimento social com base na meritocracia, e não no assistencialismo; pode propor uma racionalidade<sup>3</sup> que forme o homem cidadão, respeitando o projeto universal previsto para o humano; pode ser construtor de uma economia que privilegie o ter como instrumento do ser, portanto a economia como um valor necessário à autonomia, liberdade e dignidade humanas.

Portanto, o escopo do humanismo do terceiro milênio é fornecer o critério ético, biológico, espiritual, para a formação do homem, como pessoa, em função de uma sociedade humana boa, verdadeira, bela. O humanismo ontopsicológico oferece critério, método e técnica para verificação da consciência e para atuação na história, com escopo de garantir que, para a humanidade, nada haja de mais sagrado do que a humanidade existente em cada pessoa.

Para Meneghetti, este planeta é maravilhoso e cada ser humano é colocado aqui para, de modo responsável, fazer algo de belo, algo que faça a diferença, com fascínio, alegria, estética.

Isso é prática cotidiana, concreta, mensurável, visível, nos centros que a cultura humanista ontopsicológica mantém em diversas partes do mundo; são exemplos vivos de aplicação social, cultural, ecobiológica, política, econômica do humanismo pleno; espaços onde o homem pode ser, saber e fazer de modo inteligente a si mesmo e, ao fazê-lo, ser um criativo colaborador social: Recanto Maestro, no Brasil; Lizori e Marudo, na Itália; Bérnia e Niotan, na Rússia; Lizari, na Letônia. E em tantos outros futuros espaços que existirão, na medida em que mais pessoas se tornem ação em coincidência com o que são.



#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo teve por objetivo apresentar uma síntese das principais ideias e valores do humanismo clássico, perene e histórico, até a inquietude provocada pela crise das ciências e a proposta prática do humanismo ontopsicológico. O aporte teórico permitiu a elaboração das considerações descritas a seguir.

Atualmente, convivemos com um homem que baseia sua atuação histórica em opiniões, em convenções; no que diz a internet e suas mídias sociais, no que diz a mídia em geral. Com isso, estamos construindo uma sociedade em que qualquer informação torna-se valor absoluto, ainda que sem qualquer reversibilidade com o real dos fatos, da vida. O homem permanece um desconhecido a si mesmo, pois ancorado no medo, na preguiça; em uma cultura pobre, em valores éticos distantes daqueles valores propostos pelo humanismo que esteve presente ao longo da história e do saber humanos.

Mas o homem continua almejando a saúde, a realização, a felicidade.

Se queremos um homem que atue na função de uma sociedade mais sadia, construtiva, capaz de ser instrumento de realização do ser humano enquanto indivíduo e pessoa, precisamos resgatar a cultura humanista, que vê o homem como capaz de conhecer si mesmo, capaz de ser medida de todas as coisas; capaz de, pela atuação prática, histórica, ser construtor do próprio destino. Colaborador eficiente de si, do meio, da sociedade.

Além de toda a cultura clássica que os autores referidos neste artigo nos brindam, propomos que o homem que queira ser pessoa em construção histórica tenha a possibilidade de viver e fazer um humanismo pleno. Para isso, é preciso sair da cegueira imposta pelos condicionamentos comuns e decidir fazer metanoia, segundo o critério ético do humano proposto pelo humanismo ontopsicológico.

O homem que decide colher esta semente e agir, se torna luz a tantos outros, gerando crescimento e desenvolvimento em qualquer área que atue. Torna-se pessoa<sup>15</sup>, na função do social.

---

<sup>15</sup> Pessoa: o que é por si, indiviso em si e indiviso e distinto de tudo o resto. É a unidade de ação que um sujeito representa como entidade e fenomenologia: dentro de si mesmo; como máscara social; como princípio último de egoísmo e responsabilidade, cf. Meneghetti, A. in **Dicionário de Ontopsicologia**, pág. 132.

## REFERÊNCIAS

- ABBAGNANO, Nicola. **Storia della Filosofia**. Torino: Utet Libreria, 1993.
- ANTISERI, Dario; REALE, Giovanni. **História da Filosofia – Do Humanismo a Kant**, vol. 2; 3.ed. São Paulo: Paulus, 1990.
- ARISTÓTELES. **Ética a Nicômaco**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1999
- BONNARD, André. **A Civilização Grega**. São Paulo: Martins Fontes, 1980.
- FERRY, Luc. **A Sabedoria dos Mitos Gregos**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.
- GRCETHUYSEN, Bernard. **Antropologia Filosófica**. Lisboa: Editorial Presença, 1982.
- HUSSERL, E. **La Crisi delle scienze europee e La fenomenologia trascendentale**. Milano: Il Saggiatore, 2002.
- \_\_\_\_\_. **Dall Umanesimo storico all Umanesimo perenne**, Roma: Psicologia Editrice, 2010a.
- \_\_\_\_\_. **Dicionário de Ontopsicologia**. São Paulo: Ontopsicologica Editrice, 2001.
- \_\_\_\_\_. **L In Se Dell Uomo**. Roma: Psicologica Editrice, 1999.
- \_\_\_\_\_. **Manual de Ontopsicologia**. Porto Alegre: Psicologica Editrice do Brasil, 2010b.
- \_\_\_\_\_. **Il Criterio Etico dell'umano**. Roma: Psicologica Editrice, 1998.
- MIRANDOLA, Giovanni Pico Della. **Discurso Sobre a Dignidade do Homem**. Lisboa: Edições 70, 2008.
- NICOLA, Ubaldo. **Antologia Ilustrada de Filosofia: das origens à idade moderna**. São Paulo: Globo, 2005.
- NOGARE, Pedro Dalle. **Humanismos e anti-humanismos: Introdução à Antropologia Filosófica**. 10. ed. Petrópolis: Vozes, 1985.
- PADOVANI, H.; CASTAGNOLA, L. **História da Filosofia**. 5. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1962.
- SOUZA, R. T. **As Fontes do Humanismo Latino**. Porto Alegre: Edipucrs, 2004.